**Torquato Neto: a intimidade do poeta**

*Paulo José Cunha, jornalista, professor e escritor*

 Quem conhece nossa longa convivência indaga: e o Torquato na intimidade, como era? E o adolescente, com sua turma de amigos? E o menino que cresceu na pequena Teresina lá pela metade do século passado? Será que já se prenunciavam nele os sintomas da depressão que o levaria a diversas internações em instituições psiquiátricas do Rio de Janeiro e de Teresina e que culminariam com seu suicídio em 1972? Era triste, trágico, soturno, caladão?

 Pois a resposta é um sonoro e definitivo NÃO. Pelo contrário. Eu, seu primo, que convivi com ele desde a infância, passando pela adolescência até a idade adulta, com uma diferença de apenas 7 anos entre nós, afirmo que Torquato era uma pessoa muito suave, todos na família lembram disso. E muito carinhoso. Difícil de acreditar, eu sei. Mas era. Tinha aquele bom-humor de quem estava de bem com a vida. Humor inteligente. Também pudera: era um leitor voraz. Aos 15 anos já havia devorado diversas obras de Shakespeare, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Gonçalves Dias e outros clássicos. Já na idade adulta incorporou ao bom-humor doses generosas de uma ironia inteligente, arguta, que se aproximava da insolência, de tão rascante às vezes. Depois de assistir a um filme com Sidney Poitier e ler alguma coisa sobre o ator, saiu dizendo pra todo mundo, só pra sentir o estranhamento do ouvinte: - Sidney Poitier é um fenômeno único no mundo: é preto e... racista!

 Os únicos momentos em que vi exibindo alguma melancolia era quando íamos juntos até o cais do Parnaíba, onde se demorava em silêncio, os olhos perdidos na mansidão do rio, as canoas, as balsas, as lavadeiras e, ao longe, a velha ponte metálica. Até que se levantava, respirava fundo e tomávamos o caminho de casa.

 E era tímido. Durante as filmagens de “Adão e Eva do Paraíso ao Consumo”, o filme cujos originais sumiram para sempre, a historiadora Claudete Dias fez o papel de Eva e Torquato, o de Adão. Em determinado momento, o diretor ordenou que os dois se beijassem. Mas não havia beijo no script, se é que havia script. Claudete conta que as mãos dele tremiam. E o Adão deu um beijo tão desajeitado na Eva que, quando as bocas se descolaram, estavam... ensanguentadas! Também, né? Quem mandou comer o fruto proibido?

 Mas vamos aos hábitos prosaicos, cotidianos, de Torquato. Ele tinha umas manias curiosas. Minha tia Salomé, mãe dele, fazia de tudo pra impedir, e mesmo assim ele se empanturrava de manga verde com sal. Adorava! Ah. E sal de frutas. Enchia a concha da mão de ENO e comia aos poucos, sentindo o sal ferver na boca com aquele sabor azedinho. “Prova, é bom, tu vai gostar!” Eu odiava. Mas ele amava. Já as comidas comuns, essas de mesa, comia pouco. Única exceção era a lasanha de frango preparada pela cozinheira Livramento, que, ao sair de folga, deixava as vasilhas de pirex com a iguaria pronta, na geladeira, no ponto de tia Saló, mãe dele, levar ao forno. Essa lasanha ele comia era com as duas mãos!

 Tinha a mania de riscar com um graveto as iniciais do nome, TN, em todo cimento mole de calçada em construção que encontrasse. Devem existir até hoje inscrições dessas nas calçadas mais antigas da Teresina, na rua São João, na Pacatuba, no Barrocão, na praça Pedro II, por ali. Pois se alguém encontrar uma delas, vai ganhar o prêmio de arqueologia torquatiana. E a calçada, com certeza, será tombada pelo patrimônio histórico...

 A prima Ana Lúcia conta que os dois faziam uma brincadeira engraçada. Quando chovia, fincavam nas poças d’água da rua em frente à casa dele, que ainda não era pavimentada, uns talos de palmeira, bem fininhos, onde as libélulas, que no Piauí os meninos chamam de catirinas, vinham pousar. E, assim, elas podiam ser aprisionadas pelos dois e amarradas pela cauda com linhas finas. Dessa forma, as catirinas podiam voar e ser, digamos, empinadas, como se fossem pipas. Ana se diverte até hoje ao lembrar que ela e Torquato já foram “torturadores” de catirinas...

 Ah. Logo depois de ter uma letra musicada por um parceiro, desatava a cantar sozinho durante horas. Dizia que era para aprender a melodia. Mas era insuportável! Até porque, digamos, não cantava lá muuuuito bem... Pra falar logo a verdade inteira: não tocava nenhum instrumento e era desafinado. Em compensação, tinha um ouvido musical poderoso. O que lhe permitiu construir letras tão perfeitas que o parceiro até cantava de primeira, como me contou uma vez Gilberto Gil, sobre a letra de “Louvação”. Quando chegou com a letra, Gil pegou o violão e, praticamente sem reparo, “cantou” a música. Saiu de cara, e... inteira! O único acréscimo que Gil fez foi a repetição de “louvação”, a última palavra do primeiro verso: “Vou fazer a louvação, louvação, louvação”, pra encaixar melhor na melodia. O escritor, romancista e alter-ego de Torquato no filme “O Terror da Vermelha”, o psiquiatra Edmar Oliveira, lembra que, durante as filmagens, ele passava horas solfejando a canção “Ana”, uma versão de “Go to him”, interpretada no Brasil pela banda Renato e seus Blue Caps: “Ana, estou tão triste/ vieram me dizer/ que posso até morrer/ pra você...” Seriam os solfejos uma referência a Ana Maria, mulher dele? Sei lá. Capaz.

 Fui testemunha da criação de duas canções realizadas já no final de sua vida. Estava na casa dele quando Torquato e Luís Carlos Pinto finalizaram “Três da madrugada” e “Todo dia é dia D”. Quando me mostrou a letra dessa última, achei estranho e pobre o verso “meu coração na bacia”, que destoava do conjunto: Ele concordou e retirou não só esse verso como também o anterior “queremos, quero viver”. Mas eu soube outro dia que alguns intérpretes gravaram a canção incorporando-os. Os sites <https://www.letras.mus.br> e https://www.vagalume.com.br/, por exemplo, não registram esses versos na transcrição da letra de “Todo dia é dia D”. Versos que, aliás, nem constam na primeira interpretação da música, feita por Gilberto Gil em 1973, um ano após a morte do poeta, e que faz parte do compacto simples que acompanhou a primeira edição do livro “Os Últimos Dias de Paupéria” organizado por Wally Salomão e Ana Maria, viúva de Torquato. Já no site <https://www.cifraclub.com.br/> os tais versos estão lá. Outra curiosidade é “Três da Madrugada”, com Luís Carlos Pinto. O parceiro tentou ao máximo colocar uns “floreios”, para deixá-la menos monótona. Mas lembro bem de Torquato repetindo os versos monocordicamente: “Três da madrugada/ quase nada/ na cidade abandonada/ e essa rua...” Carlos Pinto não entendia, achava que o resultado ia ficar chato. E ele, didático, enfático e definitivo: “É pra ficar chato mesmo! Bem chato! A ideia é essa”. A música ficou mesmo chata. E... linda!

 O menino Torquato era arteiro. Uma vez, como revelou-me o médico Antônio Noronha, amigo e colega daquela época, ele e sua “tropa de malfeitores”, inclusive o próprio Noronha, se esconderam no teto da caixa d’água do Colégio Leão XIII, onde estudavam, deixando as famílias e o dono e diretor, Prof. Moacir Campos, em polvorosa. Ninguém fazia ideia de onde os moleques haviam se escondido. Só foram descer de lá no fim da tarde, mortos de fome e se acabando de rir, enquanto os pais se descabelavam. Anos depois, junto com a mesma tropa de malfeitores mirins, roubaram aos poucos, pra não chamar a atenção, a areia e os tijolos de uma construção para fazer o contorno do campo de vôlei montado no quintal da casa dele. Apesar dos cuidados dos ladrões, o dono soube do roubo e tio Heli, pai de Torquato, teve de bancar o material furtado. Curioso é que o botafoguense “de ouvido”, como escreveu Maurício Azedo, garantia que seu esporte preferido era... a natação! Nem citava o vôlei, que os amigos dizem que jogava até bem.

 A imagem de Torquato que se cristalizou no imaginário foi a do vampirão tenebroso, com aquela imensa capa preta, no papel principal do filme “Nosferatu no Brasil”, de Ivan Cardoso. Pois na vida real, Torquato era exatamente o contrário. Uma vez me sacaneou na casa da minha mãe Yára, madrinha de batismo dele. Ela havia acabado de ganhar um presente do cunhado João de Souza Lima, que retornara da Rússia e da China, onde estivera em missão cultural da Rádio Nacional, viagem que contou com “simpatia” do Partido Comunista Brasileiro, o “partidão”, do qual Souza Lima era um dos quadros mais proeminentes. O presente eram umas flores de borracha sintética e uma miniatura do Sputnik, o primeiro satélite artificial da Terra, lançado ao espaço pela então União Soviética em 1957. Torquato, na época com seus 15 anos, tinha ido visitar minha mãe. Eu e ela saímos por uns instantes da sala e Torquato aproveitou nossa ausência pra fazer uma “costumização”, uns “pequenos ajustes”, digamos assim, com uma tesoura que achou por perto. Aparou uma pétala aqui, dividiu um talo ali e tal. Além de entortar as antenas do Sputnik. E... se mandou! Quando minha mãe retornou à sala e me encontrou ali sozinho com as flores dilaceradas na mão, tornei-me o suspeito número 1. “Mas não fui eu, mãe, foi o Torquato!”. – Torquato não, Torquato é um menino bom, educado, jamais faria uma coisa dessas...” Paguei o pato sozinho. Quando cobrei depois a malandragem dele, o cretino quase se acaba de rir.

 Os familiares mais antigos lembram de duas “artes” muito especiais do adolescente Torquato. A primeira foi no dia da inauguração da ponte Juscelino Kubitscheck, sobre o rio Poti, em 1959. Contam que ele furou o cordão de isolamento, passou na frente das digníssimas autoridades e atravessou correndo a ponte de ponta a ponta, sob risos e aplausos. Terminou sendo o “inaugurador” oficial da ponte, por ter sido o primeiro a cruzá-la! Pena que não haja uma única foto da façanha. Além disso, Torquato sempre odiou relógios. Tio Heli contava que um dia, aborrecido com um relógio Mido novinho que havia ganho, atirou-o no rio, lá de cima da mesma ponte, e nunca mais colocou outro no pulso. Não verifiquei com muita atenção, mas parece que não há mesmo fotos dele usando relógio.

 Torquato gostava de emprestar ou dar de presente livros, como as obras de Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Sousândrade, entre outros. Exemplares desses aí ele repassou a mim, por exemplo, dizendo que era importante eu “conhecer esse povo”. Eu lia e devolvia às estantes da casa de tia Saló. Não tenho a menor ideia de onde foram parar. Sobre Drummond, uma curiosidade: sabe-se lá por que Torquato gostava de seguir o poeta quando o avistava pelas ruas do Rio de Janeiro. Acompanhava-o por vários quarteirões, de longe, sem abordá-lo. Ainda a propósito de livros, doei ao acervo do poeta, organizado pelo primo George Mendes, dono da agência PLUG Propaganda, em Teresina, um exemplar do livro-romance *TransAmérica* de José Agripino de Paula, citado por Caetano Veloso na música do mesmo nome. Torquato me deu o livro, ali por volta de 1971/72, na casa dele, com uma única recomendação: “Leia. Não sei muito bem o porquê. Mas você precisa ler este livro”.

 Quando se auto-exilou junto com Caetano e Gil na Europa, a família ficou temerosa porque, ao que constava, Torquato não sabia inglês nem francês. Mas não consta que tenha tido qualquer problema com as duas línguas. Dizia que era fácil aprender. “Língua é ritmo. Se você dominar o ritmo, aprende rapidinho”. Numa ficha que preencheu em 1966, publicada pela revista “Intervalo”, quando ainda não havia feito qualquer viagem internacional, informou por escrito e com a própria letra saber inglês, francês e italiano. Não duvido. Depois de morto, George Mendes encontrou no baú de memórias dele, enviado pela viúva Ana Maria, a letra de “I Feel So Sad This Evening” ("Eu me sinto tão triste esta noite", em tradução livre), que foi interpretada no original em inglês pela banda piauiense *Validuaté*.

 Uma vez cheguei ao apartamento dele, na Tijuca, e o encontrei desenhando umas coisas malucas numas caixas de fósforo vazias. E desenhava bem, o danado. Tinha até uns traços modernistas. Comentava com a esposa Ana Maria: “Lá no futuro, Ana, quando formos famosões assim como o John Lennon e a Yoko, essas caixas de fósforos vão valer uma fortuna, né?” Não soube se alguém guardou algumas dessas caixinhas. Uma fortuna perdida...

 Quando gostava de uma peça de roupa, usava até acabar. A mesma coisa com sapatos. Tinha um pezão destamanho. Dá pra conferir as dimensões das pranchas observando a foto na capa do lp “Tropicália”. Aquilo não eram pés, eram umas lanchas. Orgulhava-se de dizer, quando perguntavam quanto calçava: “44”. E completava, pra não deixar dúvidas: “Bico largo, viu?” Uma vez, irritada com uns mocassins surrados que ele insistia em usar, tia Saló aproveitou que Torquato havia saído e os jogou no lixo. No lugar, deixou um par de sapatos novinhos, na embalagem. Pois o sujeito, quando chegou da rua, escondeu a caixa com os sapatos novos, foi até a lixeira na porta da casa e recolheu os mocassins velhos, que continuou usando. Tia Saló quase chorou de raiva.

 Tinha uns hábitos meio doidos. Talvez por medo do escuro, na infância, acostumou-se desde menino a dormir com um lençol torcido em volta da cabeça, feito um turbante, só que cobrindo os olhos. E manteve esse hábito mesmo depois de casado com Ana Maria. Até na hora da sesta, depois do almoço, eu o vi assim. Vai explicar. Uma vez, revelou-me um desejo esquisito. Apesar de cabeludo com muito orgulho, me disse que acharia ótimo se fosse... careca! Ué, mas por que diabo quer ser careca? “Porque careca impõe respeito, Paulo José. Já reparou que todo mundo respeita um senhor que passa e tem uma careca dessas bem reluzentes?” E saía caminhando, empinado, fingindo passar a mão na careca, olhando de cima, com ar superior. Até irromper numa gargalhada. O “sonho” veio por terra quando foi aparar as madeixas e o barbeiro falou: - Com essa quantidade de cabelo, meu caro, pode perder as esperanças. Não vai ser careca mas é nunca!

 Três lembranças, pra finalizar. Torquato gostava de ir pra casa de nossa avó Sazinha. Era louco por ela. Depois de beijá-la e ouvir com atenção suas histórias do passado, ia sozinho para o fundo quintal, cheio de frutíferas. Dizia pra vovó que gostava muito de goiaba tirada do pé. E de ficar só, pra ter umas ideias. Demorava-se um bom tempo por lá. Quando voltava do quintal vinha mareado, olhos vermelhos, pedindo água e uma cadeira pra descansar. Pudera: as goiabas eram puro pretexto pra queimar um mato. Vovó, ingênua de tudo, observava: - Já lhe disse, Torquato, mas você não me ouve, menino! Não fique tanto tempo nesse sol quente! Isso faz muito mal!

#  Ao preparar o fuminho para consumo próprio, separava cuidadosamente as sementes, e depois as plantava no quintal da casa de tia Saló. Uma vez, nosso tio, o perito criminal Delfino Vital, vendo tia Saló molhar cuidadosamente aquelas plantas que cresciam viçosas (e que ele conhecia muito bem, por dever de ofício), perguntou por que tanto cuidado. E ela, saudosa do menino que um dia ia escrever a letra de “Mamãe Coragem”: “Foi Torquato que plantou as sementinhas dessas plantas. Gosta demais delas, Vital! Me pediu pra regar todo dia porque elas são muito sensíveis, e precisam de muita água pra não morrerem”. Às escondidas, aproveitando que ela iria se ausentar de casa por uns dias, Vital mandou arrancar e plantar outras, com folhas assemelhadas, pra ela não desconfiar. Deu certo.

 De uma outra feita, o personagem fui eu. E por muito pouco não fui “vítima” do poeta. Estávamos os dois em Teresina, e ele viajou antes de mim, de volta para o Rio de Janeiro. Eu iria retornar mais adiante a Brasília, onde morava, mas tinha prometido encontrá-lo uns 15 dias depois, no Rio. Torquato viajou. E um dia me telefonou pedindo pra pegar numa estante da casa de tia Saló um pacote que ele havia esquecido de por na bagagem e o levasse para Brasília. “Me entrega quando vier pro Rio. É coisa leve, dá até pra trazer na mão, Paulo José”. Fiz tudo direitinho. Levei mesmo o pacote na mão, numa sacolinha. Quando entreguei a ele, ficou exultante. Ao abri-lo, na minha frente, adivinha o que tinha dentro?